

Capítulo XVII

Tradições e Lendas

Como toda cidade de tamanha longevidade, Itápolis traz suas histórias e lendas que fazem parte do folclore. Muitas lendas itapolitanas atravessam fronteiras e fazem parte do corolário da cultura popular.

HISTÓRIAS DA CULTURA POPULAR ITAPOLITANA

FESTA DE REIS

Festejado em 6 de janeiro, o Dia de Reis é uma festa católica que marca a data da visita dos três Reis Magos - Gaspar, Melchior e Baltasar - ao menino Jesus, em Belém.



Festeiros de 2010-2011

Guiados por uma estrela, os Reis Magos levaram ao Deus Menino ouro, incenso e mirra, que representam as três dimensões de Cristo: a realeza, a divindade e a humanidade (o óleo da mirra servia para embalsamar os mortos).

A festa popular, comemorada na Europa (sobretudo em Portugal, Espanha, França, Bélgica e Itália), foi trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses que mantiveram a tradição com festejos e trocas de presentes na véspera do Dia de Reis. Ainda hoje, essas tradições sobrevivem no Nordeste, Minas Gerais e São Paulo, guardando algumas de suas características originais até nas

periferias de certas capitais. Nas chamadas Folias de Reis ou Reisados, os grupos de foliões, a partir do Natal até a véspera de Reis, visitam os amigos ou conhecidos, cantando modinhas e versos alusivos à data. Dançam ao som de tambores, violões, cavaquinhos e pandeiros, solicitando dinheiro ou alimentos aos donos da casa para a grande festa que se realiza no Dia de Reis.

Em Itápolis, no início da década de 1930, o Sr. José Batista de Lima recebeu de seu pai, antes de seu falecimento, o encargo de promover a Festa de Reis.

Ele assumiu a responsabilidade e realizou a festa todos os anos, em locais diferentes na região



Devotos chegam até o altar onde estão a Bandeira e a Coroa para levá-las até o local da festa

até o final da década de 1980. Com idade avançada e sem condições de continuar a tradição ofereceu a responsabilidade de continuidade da referida festa à família Cogo, no Bairro do Lenheiro.



Vista parcial do Salão de Festas durante o Terço cantado

A família Cogo, então, consultou o Cônego Ednyr sobre a possibilidade de se realizar a festa no barracão de Festas da Capela do Bairro.

Com o consentimento recebido do Pároco, passaram a realizar a Festa de Reis num único local, o barracão de festas do bairro, que fica na propriedade da família e assim, a tradicional Festa de Reis continua até os dias de hoje e em cada ano aumenta o número de devotos e de admiradores do evento.

Os preparativos para a festa começam nos dias anteriores, quando enfeitam o salão, matam o gado e preparam a carne para o churrasco que será distribuído no dia da grande festa.

A festa começa na manhã do dia seis de janeiro, com muita música caipira, dança e outras

diversões e durante todo o dia são servidos aos participantes, comida e bebida.

Ao cair da tarde, todos se dirigem até a residência onde está a Bandeira de Reis e em procissão, com orações, muita música e fogos de artifício, carregam-na, um pouco cada um, até o local do salão de festas, onde o festeiro e a festeira do ano entregam, respectivamente, a Bandeira e a Coroa aos novos responsáveis.



Em procissão, os devotos carregam a Bandeira

Durante a passagem da Bandeira e da Coroa, há muita música no ritmo usado, cujas letras são de improviso e cada cantor ou cantora demonstra a sua devoção a sua maneira e com seu palavreado. Após o cerimonial de entrega, o cortejo se dirige ao salão e no altar anteriormente preparado fazem a oração do terço cantado.

Após o término das orações são servidos comes e bebes aos convidados, geralmente churrasco, sempre com muita fartura e a festa continua noite adentro com mais música e muita dança.

FIGURAS POPULARES

Itápolis, em todas as épocas, possuiu figuras populares que se tornaram parte de nossa História. Pessoas simples, de um coração cheio de bondade, sem malícias, eram aqueles que davam à cidade um colorido todo especial, humano, singelo, com a marca dos filhos de Deus, mas que, por um acontecimento ou outro, se tornaram “especiais”.

Além das figuras populares, sempre existiram na cidade figuras folclóricas, pessoas que tinham um dom especial, de sempre achar algo engraçado na vida. E não seguravam pra eles. Todos participavam dessa alegria.

Vamos lembrar algumas dessas figuras e suas histórias.

Uma dessas pessoas era o **José Celli**, o **Zezé**, de família tradicional de nossa terra. Casado com dona Páscoa, tinha duas filhas que ele adorava como nunca ninguém viu um pai amar tanto seus filhos: a Maria Lyra e a Lúcia. O Zezé era barbeiro de enorme clientela, sucesso que se devia a sua perícia pro-



fissional, mas também ao seu humor invejável e as suas tiradas incríveis. Seu salão ficava na descida à direita da Av. Valentim Gentil, entre a Rua Padre Tarallo e a Rua José Trevisan, vizinho da Camisaria Allets, do Mazzini Stella e da Livraria e Papelaria do Professor Morato. Mais tarde, seu salão mudou-se para a Rua Barão do Rio Branco, na quadra da Igreja Matriz, ao lado da Padaria Cardilli.

Os jovens chegavam à adolescência produzindo uns fiozinhos de barba “sem vergooonha” que só vendo. E queriam ir ao barbeiro! E onde iam cair? Na barbearia do Zezé Celli! Um dia, um jovem sentou na cadeira e ele já lascou a pergunta: - “Cabelo, né?” O jovem respondeu: - “Não, barba!”. E o Zezé: - “Baaarba é?”. Abaixou-se, pegou do pé da cadeira uma corneta que ali estava escondida, deu um toque militar! O jovem, espantado perguntou: - “O que é isto, são Zezé?”. Ele explicou: - “Estou dando o ‘toque de reunir’ no queixo, ué!, senão, como é que vou enxergar sua barba, rapaz?” O jovem teve um acesso de riso que fez coro com todos os presentes.

Outra vez, quando o Zezé pegou o telefone, pediu pra telefonista ligar urgente “pro tio Antonio Celli”. A moça ligou depressa e todos ouviram esta fala do Zezé: - “É o tio Antônio? Tio, aqui é o Zezé! Cuida de pôr os livros da loja em ordem já, tio; tem fiscal na praça, tio!” E em seguida: - “Por que, tio? É que o Zé Lutaif passou aqui andando depressa, tio!” – O querido Zé Lutaif, filho do comerciante e Vice Cônsul do Líbano, Sr. Lutfi José Lutaif, era o moço pacato que cuidava da Casa Lutaif. Sossegado e paciente, o Zé se tornou ícone da tranquilidade àquela hora!

O Zezé Celli adorava satirizar, criava apelidos notáveis e tinha tiradas inesquecíveis, como esta: -“Você quer encontrar gente de Itápolis lá em São Paulo? Vá onde tem uma batida de carro com aquela roda de curiosos! Aquele que estiver ali, comendo amendoim e olhando, pode ver que é de Itápolis!”

Certa vez, um conhecido comerciante que tinha fama de muito pão-duro, ficou acamado por alguns dias, sem ir à loja. E quando alguém ficava doente naquela Itápolis, todo mundo ficava sabendo, todo mundo comentava. E o Zezé abriu o salão naquela manhã, os fregueses foram chegando, tomando seus lugares, quando o simpático barbeiro anunciou: -“Sêo Fulano sarou! Já tá na loja trabalhando!” Alguém perguntou: -“O que é que ele tinha, o que curou o homem?” E o Zezé arrematou: -“Parou com os remédios da farmácia, tomou um chá de notas velhas, gente! E não é que o homem sarou!”

Capóccia!

Ele costumava ir tomar seu “bichiere di vino” na Lusitana. Uma noite, o pobre mal acabou de beber seu copo de vinho, teve uma parada cardíaca e caiu morto. Aí o vinho que ele estava tomando mudou de marca: os frequentadores dos bares da época pediam assim: -“Me dá um copo do vinho que matou o Capóccia!”.

Pasiani!

Outro cidadão que marcou presença na velha Itápolis foi um italiano grandalhão, quase um gigante, que tinha uma oficina de torneiro mecânico, ali na Rua José Trevisan, bem na metade do quarteirão, entre a Av. Pres. Valentim Gentil e a Av. Florêncio Terra. Solitário e antissocial, o Pasiani tinha gestos e atitudes que surpreendiam pela excentricidade. Várias histórias corriam a seu respeito. Ele costumava deixar a porta de ferro da oficina aberta quando saía pra fazer uma entrega, ir ao banco; colocava uma barra de ferro atravessada na entrada que indicava “fui ali, volto logo”. Naquele tempo, a gente amarrava o cachorro com linguça e ele não comia; mas, numa certa época, o Pasiani começou a perceber que alguém vinha visitando sua gaveta e alguns trocados andavam desaparecendo. Ele bolou uma armadilha imperceptível, com uma lata de tinta a óleo azul. Não deu outra, o larápio foi pego de surpresa. Quando abriu a gaveta a tal lata foi alçada pra cima da cabeça dele e entornou toda a tinta azul na cabecinha raspada do moleque esperto! Foi muito fácil identificar o pequeno “meliante”, pois aquela tinta demorou mais de mês pra sair do couro cabeludo.

O Pasiani costumava jantar no Restaurante Boulevard. E seu prato predileto era a macarronada, que lhe era servida numa verdadeira bacia, o homem era um bom garfo! Pra acompanhar a massa, serviam-lhe uma jarra de vinho tinto. Uma noite em que ele estava jantando, alguns rapazes que por ali faziam



hora, resolveram fazer uma brincadeira de mau gosto com o Pasioni. Apostaram com um rapaz deficiente mental, que sempre frequentava o local, que ele não teria coragem de cuspir no vinho do Pasioni. Como o prêmio era atraente, uma nota de dez mil reis, o infeliz se arriscou. Aproximou-se da mesa do torneiro e lascou uma cusparada dentro da jarra de vinho. Foi seguro pela enorme mão do dono do vinho. Pois não é que o Pasioni segurou o rapaz pela nuca, comprimindo seu nariz, forçando que ele abrisse a boca e o fez beber quase todo o vinho! Os apostadores sumiram do bar e o deficiente foi carregado pra casa, tão bêbado ficou!

Leitão!

Seu nome era Francisco Leite de Siqueira, era filho de José Leite de Siqueira, irmão de D^a. Benedita, esposa do Rosalino Sobrano. Ele era muito querido por toda a família. Foi soldado na Revolução Constitucionalista de 1932. Na frente de batalha, levou um tiro na cabeça e a bala ficou alojada ali até sua morte, em fins de 1957. A família atribui a este fato sua alteração de comportamento.

Leitão era um homem de meia estatura, levemente pardo, cabelo quase pixaim, quietarrão, quando falava, usava poucas palavras. E bebia, bebia, mas bebia pra valer. Tanto que diziam: -“Onde o Leitão cospe, nasce um pé de cana!”. Mas era trabalhador. Quando o Leitão sumia da cidade e sumia por 3, 4 meses, é que estava trabalhando na roça. Trabalhava nas colheitas do algodão ou do café, riquezas agrícolas da Itápolis de então. Acabava a safra, dinheirinho no bolso, aparecia o Leitão e já tinha o destino certo para o que sobrasse das suas necessidades básicas. Nunca ninguém viu o Leitão pedindo alguma coisa.

E também o Leitão teve seu dia de herói!

Atuava na cidade, nos anos de chumbo do nazifascismo (Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália), um Delegado de Polícia linha dura, de nome Epaminondas Barras, um tipo altão, cabelo comprido só na nuca, sempre trajando terno branco, morava solitário no Hotel Modelo. E andava praticando o método fascista do Mussolini, mandando a polícia aplicar surras memoráveis nos bêbados e desocupados que perambulavam pela cidade. Diziam até que ele os obrigava, à moda de Mussolini, a beber óleo de rícino, substância que provocava a maior diarreia em quem tomava. E o Dr. Epaminondas mandou prender o Leitão. Não é preciso dizer que foram necessários 4 soldados, aqueles de farda cáqui da época, para segurar e arrastar o homem até a Cadeia Municipal, que ficava na parte térrea do prédio que hoje abriga o Museu. E o arrastaram batendo forte e, já lá dentro da cadeia, surraram o pobre sem piedade! Tudo a mando do tal Delegado.

Pois bem. Passaram-se uns dias e o Dr. Epaminondas cortava o cabelo na barbearia do Torricelli, quando surgiu, de repente, o recém libertado Leitão. Dizem os que estavam presentes, que ele tirou o Delegado da cadeira do barbeiro e aplicou-lhe uma surra memorável, deixando o elegante e bem trajado manda-chuva em frangalhos. Apanhou até conseguir fugir apavorado para o hotel, donde partiu de carro de praça para nunca mais pisar em Itápolis! Alguém pode perguntar: Isto foi um ato justo? Como nenhum dos presentes moveu uma palha para apartar a briga, para tirar o Leitão de cima do homem, podemos pensar que foi.

Então, o Leitão não é apenas um herói municipal, pela lição que deu naquele delegado fascistão. É também um herói constitucionalista!

Butina !

O Butina, cujo nome verdadeiro era Ricardo, era um tipo de estatura mediana, magro, cabelos levemente ondulados e já meio ralos, boca destacada por ser grande e que bebia, bebia, mas bebia mesmo, tanto que lá pelas 2 da tarde ele já caminhava trôpego e falava com a voz pastosa. O Boulevard e suas cercanias eram seu território, ali não tinha bêbado pra fazer páreo com ele!

O Butina era o tipo de bêbado na fase alegre, divertida. É, porque o alcoólatra conhece 3 fases básicas na sua carreira: a primeira, quando ainda jovem, ele bebe e fica alegre, engraçado, diverte os circunstantes com suas tiradas, suas estrepolias; a segunda, quando ele bebe e fica chato, repetitivo, vai perdendo o lado cômico, que dá lugar ao bêbado inconveniente; e a terceira fase, quando bebe, nem



aguenta muito mais e fica mal humorado, impertinente, alguns violentos e duros de suportar.

O Butina era o bêbado em estado de graça. Todo mundo gostava e se divertia com ele. Uma vez ficou tão bêbado que nem percebeu que iria praticar um ato de heroísmo que espantou a todos que se encontravam na frente do Boulevard, naquela noite de tempos de eleição municipal. O clima da disputa andava quente e aconteceu um entrevero entre dois adversários ferrenhos. Do bate-boca, eles partiram para a agressão física e surpreenderam os presentes, tirando cada um sua arma de fogo. E se engalinhavam no meio da rua. Além dos que estavam no bar, outros se sentiram atraídos pelo alarido da briga, assistiam a tudo. E qual não foi a surpresa quando, a passos trôpegos, quase caindo, lá vem o Butina, se abraça aos dois briguentos, pega a arma de um, derruba a arma do outro e põe fim ao duelo do faroeste eleitoral! Isto virou assunto de mais de mês na cidade!

Este mesmo Butina, toda noite, quando ia pra casa, lá na saída de Tabatinga, primeiro parava em frente do antigo prédio em que hoje funciona a Câmara Municipal, juntava suas últimas forças pra esmurrar a robusta porta de madeira e chamava chorando pelo seu pai e pela sua mãe. E os mais antigos explicavam o porquê daquele ritual melancólico. Ali, naquela porta, nos idos tempos em que ali era o prédio da Lira Itapolitana, o teatro lírico fundado e mantido pelos imigrantes italianos, houve um tiroteio, por motivos políticos e seus pais foram mortos ali. E eram ali chorados noite por noite pelo filho que caiu no mundo: o nosso Butina!

Paiva Paivante!

O Paiva era um homenzarrão, forte como um búfalo, terno e simpático, que caminhava cumprimentando os passantes com seu infalível: - “Paiva Paivante! Paiva Paivante”, como quem dissesse: - “Olá, aqui estou eu!”. E os que com ele cruzavam respondiam no mesmo tom: - “Oi, Paiva Paivante”. Parece uma bobagem, mas se alguém tivesse acordado de mau humor, aquele encontro já desanuviava a mente e abrandava seu coração. O Paiva não recusava serviço, por mais pesado que fosse; limpava quintais, recolhia e empilhava a lenha que o lenheiro tinha entregado, amontoada na calçada. Paiva era solícito e respeitoso, por isto gozava da confiança das famílias. O Paiva não está mais entre nós, é que estava na hora de recolher as colunas do céu!

Maria Marta !

Maria Marta ou Maria Louca é a mesma pessoa. Perambulava pelas ruas da cidade e era alvo da molecada, que lhe atirava pedras, chamavam a Polícia, com o intuito de tirá-la do convívio social e, por ser portadora de mal de Hansen, religiosas resolveram interná-la.

O Delegado de Polícia, Dr. Rafael Caramuru Lanzelotti, conseguiu internação para ela no Asilo Colônia Santo Ângelo, em São José do Rio Preto.

Ficou um certo tempo por lá, mas logo saiu e começou a perambular novamente.

Seu nome era Maria Matilde, nasceu em 1884, era de cor branca, olhos verdes, magra, cabelos louros, tamanho médio e fazia um birote no cabelo, que costumava amarrar com cipó ou arame. Não era criminosa, mas morou um tempo na cadeia, a pedido de seu pai que queria poupá-la da irreverência dos moleques, pois quando provocada, ela reagia. O trato entre o Delegado, seu pai e o carcereiro era que nos dias de visitas, trariam tudo o que ela precisasse.

Porém antes, era pedinte, andava com uma caneca e um prato esmaltado pedindo comida. Dormia numa capela, na antiga saída para Ibitinga.

Na véspera de sair da cadeia, uma senhora de nome Petronilha deu-lhe um vestido azul marinho, estampado de branco. Maria Marta fez um pedido: - “Moça, me dá uma agulha com linha para eu costurar meu coração que está pelando...” Estaria, com o coração doendo? Na verdade, sim. Ao meio dia, saiu pela Av. 7 de Setembro e saiu de cena para sempre. Neste mesmo dia, 09 de outubro de 1927, foi encontrada morta debaixo de um pé de amora, às margens do Rio Querubim, na chácara do Arini. Estava com o vestido azul marinho estampado de branco. E seu coração não pelava mais.

O túmulo em que Maria Marta ou Maria Louca descansa foi promessa de uma pessoa cuja esposa



estava muito doente e se ficasse curada, daria uma sepultura digna à pobre indigente.

E lá está Maria Marta rodeada de flores e de velas, ouvindo as súplicas dos que precisam alcançar uma graça.

Juca Generoso!

José de Souza Sobrinho nasceu em Jaboticabal, em 07 de outubro de 1886. Muito jovem ainda veio para Itápolis e foi morar no Bairro da Aldeia. Casou-se com Maria Marins de Souza e tiveram 22 filhos, sendo que desses 16 ainda estão vivos.

Era conhecido pelo apelido carinhoso de Juca Generoso, pois era um homem que se preocupava em ajudar a quem precisasse. Era muito querido no povoado onde morava. Naquele tempo, quando alguém vinha a óbito, se a família tivesse dinheiro comprava o caixão funerário; se não tivesse, Juca construía um e não cobrava pelo serviço.

Ao saber que tinha algum morador da Aldeia, ou próximo daí, que estava mal, ele já ia providenciando o caixão. Embora simples, a pessoa tinha um sepultamento digno.

Durante o período da segunda guerra mundial, havia escassez de alguns alimentos. Generoso, que já fabricava aguardente, passou a produzir açúcar que estava em falta. Lá iam as pessoas vizinhas, as mais distantes e até gente da cidade comprar açúcar. Os que podiam, pagavam. Os que não tinham dinheiro, levavam do mesmo jeito, ele não deixava ninguém sair de mãos vazias.

Eram outros tempos e naquela época as estradas não eram conservadas. Quando chovia, era fácil encalhar veículos na estrada. Juca, com suas juntas de bois, se dirigia ao local e com seus bois, tirava os veículos do atoleiro e, assim, as pessoas podiam seguir viagem. Para Juca Generoso era um prazer ajudar a quem estivesse precisando.

Um dia, apareceram no Bairro da Aldeia alguns leprosos, que eram discriminados por todos, devido ao contágio. Juca, penalizado, improvisou uma moradia para eles. Na hora de levar comida, chamava seu carreiro que era o encarregado dessa tarefa, dava as cestas e um bambu comprido. O carreiro, ao chegar, de longe, colocava na ponta da vara a cesta para que os leprosos pudessem alcançar, sem perigo da doença contaminar o velho carreiro de Juca. Os vizinhos não queriam que os doentes ficassem ali, mas Juca tinha pena, eles não tinham onde ficar.

Apesar de não praticar política partidária, Seu Juca era amigo pessoal do interventor do Estado de São Paulo, Sr. Adhemar de Barros, que quando estava na região, fazia questão de visitá-lo.

Juca Generoso faleceu numa manhã do dia 11 de fevereiro de 1953, deixando para os que o conheceram um grande exemplo.

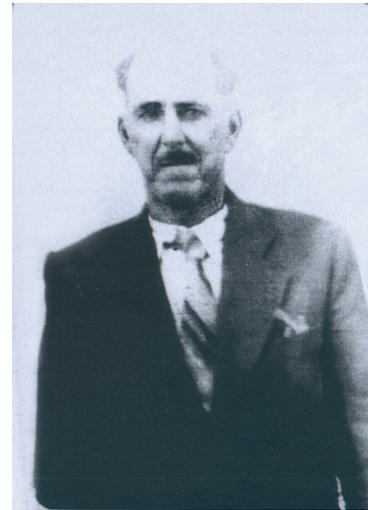
Dona Ernestina de Souza Brugnari é uma de suas filhas sobreviventes.

Paulo Quebra Queixo !

Paulo Luiz Pedreiro, conhecido como Paulo Quebra Queixo e Paulo Preto, nasceu em Ubá, Estado de Minas Gerais, aos 27 de novembro de 1927. Casou-se com Maria Granja Pedreiro e teve seis filhos.

Ainda criança, veio para Itápolis com seus pais, fixando residência na Fazenda Santa Adelina, de José Theodoro do Amaral. Vindo para a cidade, trabalhou como carroceiro, fazendo entregas no Armazém do Hipólito Zuliani. Por dez anos, trabalhou na chácara de Dona Zita Marconi, quando resolveu mudar de profissão, fazendo doces que conhecia em Minas, para vender.

Paulo Quebra Queixo, assim ficou conhecido, por vender um doce feito



*José de Souza Sobrinho,
conhecido como Juca Generoso*



Paulo Pedreiro



de coco, cujo segredo da receita ninguém sabia, só ele, o qual era denominado “quebra-queixo”. À noite, Paulo ficava na esquina da antiga Prefeitura(hoje Centro Cultural) vendendo suas guloseimas. Também no horário de saída da Escola Valentim Gentil, vendia quebra-queixo, raspadinha e biju. Era descontraído, brincalhão e querido por todos que o conheciam. Estava sempre sorrindo.

Com o passar do tempo, Paulo fixou seu local de vendas na esquina da Praça Pedro Alves de Oliveira(Rua Odilon Negrão com Av. Pres. Valentim Gentil), iniciando também aí, a venda de caldo de cana.

Paulo Quebra Queixo faleceu no dia 07 de novembro de 2003, aos 85 anos de idade.

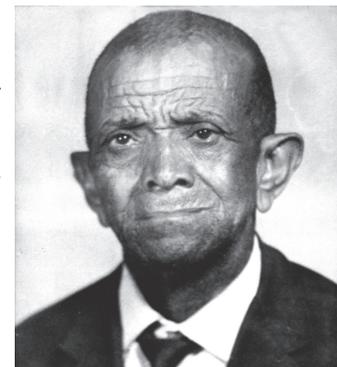
Benedito da Silva Braga - Mineco

Benedito da Silva Braga, o popular Mineco, nasceu em Itápolis em 1895. Era filho de Silvério da Silva Braga e Sebastiana Maria da Conceição. Como Funcionário Público Municipal exercia a profissão de lixeiro.

Era uma pessoa muito querida por todos que conviveram com ele, por seu jeito simples de ser e pela sua educação para com todos.

Impossível deixar de associar o Mineco ao famoso amendoim que, à noite, vendia na esquina do antigo Banco do Comércio e Indústria(COMIND) e em frente ao Cine Lyan.

Mineco ficou eternizado no coração dos itapolitanos pelo respeito e carinho com que tratava a comunidade. Foi casado com Maria do Carmo de Jesus e faleceu nesta cidade.



Benedito da Silva Braga, o popular Mineco

LENDAS

Lenda da Biquinha

Sobre a excelência de sua água, surgiu do ambiente popular a seguinte crendice: "Quem bebe água da biquinha, não sai mais de Itápolis. Se isto acontecer, tornará a voltar".

Com a instalação do serviço de abastecimento de água da cidade, a biquinha, que estava localizada na Av. José Belarmino, no local onde funcionou a Cozinha Piloto, ficou abandonada, vertendo seu precioso líquido para o Córrego Boa Vista.

A Bomba

O Maestro Zeferino Botolamassi era um homem inteligente e culto, mas possuía um espírito revolucionário, de pensamento oposto ao de seu irmão que era Bispo em Milão-Itália.

Em 25 de dezembro de 1905, Bortolamassi, à frente da Corporação Musical Vitório Manoel III, simulou, com um pé de alface embrulhado numa folha de jornal, atirar uma bomba dentro da Matriz, o que resultou numa enorme correria e, posteriormente, cadeia aos músicos.

Lenda da Noiva

Conta-se que no início do século XX, um casal de noivos que se casaria numa tarde de março, estava sendo trazido para a cerimônia na Igreja Matriz de Itápolis em um caminhão(não havia carros na época). Ao passar pela ponte do Rio São Lourenço, o motorista que conduzia o veículo perdeu a direção e colidiu com o muro de proteção da ponte que era muito estreita e, neste acidente, veio a óbito a noiva.

Desde então, o noivo, desolado, sofrendo muito a perda daquela que seria sua esposa, tentando aliviar a sua dor e a saudade, resolveu sair à procura de uma namorada e, quando a encontrou, casou-se.

A falecida noiva, segundo os contadores de causos, sempre aparecia na ponte do velho rio, à noite



Biquinha que existia na Av. José Belarmino



(pois era o único lugar de que ela se lembrava), à procura do noivo que, a estas alturas, já estava casado com outra há muito tempo. Os motoristas dos veículos que por ali transitavam, em determinado horário noturno, constantemente viam uma moça vestida de branco sobre a ponte. Muitos deles, ao tentar desviar da suposta noiva, perdiam o controle da direção, se acidentando e quase sempre com vítimas fatais.

Por essa razão é que acontecem muitos acidentes na ponte do Rio São Lourenço e, neste local, muitos já morreram.

Lenda do Capa Preta

Existe um conto dos antigos, que existia lá pelos lados de Nova América um homem conhecido como “Capa Preta”. Só andava a cavalo, não falava com ninguém e usava em suas costas uma capa preta que descia até o lombo do cavalo. Seu nome, diziam, era João Francisco de Castilho, vulgo Capa Preta.

Era muito mau e só aparecia naquela região, no por do sol. Segundo os contos, era abastado, dono de propriedades e tinha um tesouro que guardava debaixo da cama a sete chaves. Todos o temiam.

Já velho, um dia, pressentindo a morte, pegou o baú onde estava a sua fortuna e enterrou-o no meio da mata, para que não ficasse para ninguém seu prodigioso tesouro. Dias depois veio a falecer. A comunidade daquela região onde Capa Preta residia, planejava a procura e o encontro da fortuna. Na calada da noite saíam com enxadas, facões e se embrenhavam na mata. Quando começavam a escavação, de repente aparecia montado no lombo de seu cavalo o “Capa Preta”. Noites e noites insistiram na procura pelo tesouro, mas era só começar, lá estava ele. As pessoas saíam em desabalada carreira. O medo era tanto que os corajosos desistiram da busca.

Até hoje ninguém encontrou o baú, que fora enterrado, contendo as riquezas do “Capa Preta”.

Buraco Quente

Trecho da Av. José Belarmino, quando ainda se chamava Rua das Flores, próximo à Rua Pe. Tarallo. Este nome foi dado pelo povo, em virtude do declive do terreno e porque aí as brigas com faca ou garrucha eram comuns, redundando, muitas vezes, em mortes.

Os botequins eram frequentados por desocupados e valentões, onde a coragem nascia da cachaça bebida.

Sempre que havia desordem no “Buraco Quente” o sino da Cadeia Velha, tocava a rebate.

O Jornal “O Progresso”, de 05 de fevereiro de 1911, publicou a seguinte nota: “Domingo último, mais ou menos às 11 horas da noite, no Bairro do Buraco Quente, por questões que ignoramos, José Júlio desfechou um tiro de garrucha em Joaquim Adão. O fato foi levado ao conhecimento da polícia, sendo o ofendido posto ao cuidado do Dr. José Catângelo, que extraiu os chumbos e fez os primeiros curativos”.



Buraco Quente, esquina da Av. José Belarmino com Rua Pe. Tarallo

CURIOSIDADES

Os Primeiros de Itápolis

Acendedor de Lâmpioes de Gás: jogador de futebol que brilhou no passado, conhecido pelo apelido de Carioca.

Açougue: De João Borges de Oliveira Titto, instalado no Paço Municipal em 1892, abatendo reses somente aos sábados.

Agente do Correio: Vicente Galo.

Aldrava: De portão da Casa Paroquial, a haste está no Museu Histórico e Pedagógico Alexandre de Gusmão.

Alfaiate: Maestro José Marinacci, estabelecido na Rua 15 de Novembro, hoje Padre Tarallo.

Altar Mor: Da Matriz velha que, em 1922, foi levado para a Capela da Vila Cajado (Tijucu Preto).



Aparelho de Rádio Receptor: Introduzido pelo Dr. Benjamin de Oliveira Abade, então Delegado de Polícia.
Aparelho de Raio X: Do Dr. Paulo Emílio Brasil, instalado numa casa da Avenida 15 de Novembro, atual Presidente Valentim Gentil.

Árbitro de Futebol: O então Coletor Estadual, Antônio Rodrigues e Silva.

Armador: Leonardo Massari.

Armeiro : Egídio Mercaldi.

Armador: Frutuoso Ribeiro do Amaral, nomeado em 1891.

Associação de Escoteiros: Organizada, em 1917, pelo Prof. Agnelo Leandro Pereira, Diretor do Grupo Escolar.

Associação Religiosa: Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, organizada pelo Padre Henrique Monné, em 1908, sob a presidência de D^a Maria das Dores Mendes.

Automóvel: Martinho Alves Porto. Era um dos primitivos Fords.

Baixista: José de Lucca que pertenceu à Banda Popular.

Bandeira do Divino: Adquirida na Itália e inaugurada em 1898.

Banda de Música: Fundada em 1890, pelo Padre Salvador Tarallo, com a denominação de Banda Popular.

Batizado: Ocorrido em 2 de abril de 1871, da menina Veridiana, filha de Francisco e D^a Benedita, escravos de Joaquim Xavier do Vale, celebrado pelo Padre Tristão Arcanjo de Melo e Silva.

Bomba de Gasolina: Instalada na esquina da Avenida 15 de Novembro (Presidente Valentim Gentil) com a Rua 13 de Maio (Ricieri Antonio Vessoni), pela Casa Lutaif, em 1926.

Cadeia: Era uma casa de alvenaria e de pau-a-pique barreada que ficava na Rua 13 de Junho, (Barão do Rio Branco), quase na esquina da Av. dos Amaros, usada como presídio até agosto de 1915.

Canteiro: Vicente Jannuzzi.

Cantores Sacros: D^a. Adi Arnoldi, Vicente Jannuzzi, Victor Antônio Lagrotti, José Marinacci, Bernardo Arnoldi, Padre Caetano Cernichiaro e José Gentile de Luiz.

Capela do Cemitério Municipal: Construída por Vicente Barleta e que se transformou em jazigo da família.

Capela de Povoado: Era rústica, coberta de sapé, erguida no mesmo largo hoje ocupado pela Matriz, porém, com a frente para a Rua Padre Tarallo.

Carcereiro: José Grande.

Carnaval: Introduzido no começo do Século XX pelo Sargento Sebastião Gomes de Oliveira, com a colaboração dos irmãos Pero.

Carros de Praça: De propriedade de Deomiro Botacim, em 1915.

Casa Bancária: Chamava-se Banco de Custeio Rural e funcionou numa das dependências do Paço Municipal.

Casa de Banho: Era de Francisco Torres e ficava nos fundos de uma casinha da Rua José Bonifácio (atual José Trevisan) ao lado do Córrego Boa Vista, sendo que o banho custava dois mil réis.

Casa de Tijolos: Mandada construir pelo Capitão Aurélio Civatti, na esquina da Rua 15 de Novembro (atual Padre Tarallo) com a Av. Florêncio Terra.

Casa de Jogo: Começou a funcionar a partir de 1896, no botequim de Paulino Pires Gonçalves.

Casa Funerária: Do Concessionário Luiz Laviéri.

Casamento: Na Igreja, foi em 15 de junho de 1871, com os nubentes Domingos Floriano Batista e Isabel Francisca de Jesus e no Cartório de Paz, em 1891, com Joaquim José Ribeiro e Maria Custódia de Jesus.

Cemitério: Funcionou primeiramente em volta da Igreja e depois onde está a Praça Pedro Alves de Oliveira.

Cruzeiro: Levantado em frente da primitiva capela, na quadra hoje ocupada pela Igreja Matriz, porém onde se acha o Convento, mas com a frente para a Rua Padre Tarallo.

Dentista: A princípio havia dentistas ambulantes e dentre eles, um português que vinha de Matão. Só em 1906 é que Venâncio Cariani instalou o seu gabinete na Rua XV de Novembro (Padre Tarallo).

Diretor do Grupo Escolar: Professor Júlio Ascânio Mallet que, ao viajar para tomar posse do cargo, morreu em Ibitinga a 4 de abril de 1913.

Desastre Ferroviário: Em 30 de junho de 1916: um vagão da Douradense, que transportava inflamáveis, incendiou-se nas proximidades da caixa d'água.



Eletricista: Carlos Adolfson.

Engomaderia: Instalada em 1911 e anexa à relojoaria de J. J. Fatigati, situada nas adjacências do Largo da Matriz.

Entalhador: Mauricio Civatti, autor de várias peças da Matriz velha, falecido em 1923.

Escola de Música: Fundada em 1911, pelo Maestro Salvador Carminiti, para o ensino de canto, piano e outros instrumentos.

Escola Pública: Instalada numa casa que existiu na esquina da Avenida Francisco Porto com a Rua Padre Tarallo (Belle Epoque Presentes), em 6 de março de 1895, sob a regência da professora Ernestina Rodrigues de Siqueira.

Escrivão da Coletoria Estadual: João José de Moura Magalhães.

Harmônio: Introduzido em Itápolis, no tempo da Matriz velha, pelo Padre Salvador Tarallo.

Hotel: De propriedade de Primo Firmo Fernandes. Instalado em 1896, numa casa de adobes que existiu na esquina da Rua Padre Tarallo com a Avenida Francisco Porto (Belle Epoque Presentes).

Igreja Matriz: Inaugurada em 10 de abril de 1887, com a bênção do Vigário Salvador Tarallo. Era de barro com esteios de aroeira e foi demolida em 1914.

Imagem do Divino (padroeiro da cidade) : Pertenceu à Matriz velha.

Incêndio: Ocorreu na loja de Antônio Brandi, casado com uma irmã do Padre Tarallo. O sino da Matriz tocando a rebate, pôs todo mundo fora da cama. A causa do incêndio foi a queda de uma lamparina acesa e a casa não chegou a ser devorada pelo fogo. Foi a que pertenceu ao Alferes Pedro Alves de Oliveira, fundador de Itápolis. Ficava na esquina da Rua Padre Tarallo com a Avenida Florêncio Terra (Stocagge.com).

Italianos: Vicente Barleta, Domingos Perrone e Francisco Barbatì.

Jardineira (ônibus): De Carmine Martoni, marca Fiat, que a partir de 1922 começou a fazer a linha Itápolis- Novo Horizonte.

Jornal: Surgiu por volta de 1908, com a denominação de “A Cidade”, era do topógrafo Henrique Morato, o mesmo que foi professor de Latim do Instituto de Educação Valentim Gentil.

Juiz de Direito: Dr. Luiz Antonio de Aguiar e Souza

Lampião de gás: Em 19 de novembro de 1906, houve a inauguração da iluminação pública de gás acetileno, sendo que o primeiro lampião foi aceso em frente ao Paço Municipal, com a presença da Edilidade.

Macarrão: Foi introduzido pelo Pe. Salvador Tarallo. Houve gente na zona rural que plantou macarrão, na expectativa de boa colheita.

Máquina de Beneficiar Arroz: Montada pela Companhia Agrícola Pedrense, no tempo de Boa Vista das Pedras.

Linha de Tiro (Tiro de Guerra): Fundada em 1917, pelo Prefeito Orestes da Costa Sene Júnior.

Matadouro: Inaugurado em 1904, na gestão do Prefeito Francisco de Salles Machado. Ficava fora da cidade, na estrada Itápolis-Ibitinga.

Médico: Um norte americano que, pelo fato de ter parado pouco tempo em Boa Vista das Pedras, ninguém conseguiu memorizar seu nome.

Mercado: Foi inaugurado em 1916, no prédio da Av. Florêncio Terra, esquina com Rua 13 de Maio (Ricieri Antonio Vessoni) (Varejão Itapolitano).

Máquina de Beneficiar Café: Da Companhia Agrícola Pedrense, instalada pelo nosso primeiro técnico, José Maroti.

Linha Intermunicipal de Automóveis: Instalada em 1912, por Antonio Paulino de Carlos Botelho, com transporte diário de Itápolis a Ibitinga.

Mestra de primeiras letras: D^a Ana Joaquina Silveira, contratada pela municipalidade em 1893, deixou Boa Vista das Pedras no mesmo ano, por ter sido desrespeitada por uma aluna.

Músico: Padre Salvador Tarallo.

Nome de Itápolis: Espírito Santo do Córrego das Pedras.

Nosocômio: Hospital de Misericórdia, inaugurado em 1932.

Oficleidista: Luiz Gonzaga da Consolação, pertencente à Banda Popular, em 1890. No seu tempo



foi o melhor construtor de casa de pau-a-pique barreado.

Organistas: Padre Salvador Tarallo, Carmine Tarallo, Bernardo Arnoldi, D^a. Edi Arnoldi, Padre Caetano Cernicchiaro e José Gentile de Luiz.

Ourivesaria: Do talentoso flautista Júlio de Triani. Ficava nas adjacências do Largo da Matriz.

Paço Municipal: Nos primórdios, chamava-se “Casa da Câmara”, ficava na esquina da Av. dos Amaros com a Rua Barão do Rio Branco.

Padaria: De Francisco Massari, situada na Av. Florêncio Terra, esquina da Rua José Bonifácio, atual Ricieri Antonio Vessoni(Varejão Itapolitano).

Padeiro: Sebastião Dalpino.

Pano de boca da Sociedade Italiana: Executado pelo pintor Jerônimo Dantas.

Pano de boca do Teatro Apolo: Pintado pelo famoso artista campineiro, Raul de Castro. Representava em cores atraentes, as musas gregas que simbolizavam as cinco artes.

Pedra da Matriz Nova: Lançada em 21 de maio de 1905, em cerimônia oficiada pelo Padre Salvador Tarallo.

Pedreiros: João Reato, Stéfano Bossan e Vicente Jannuzzi.

Pensão ou Casa de Pasto: De Vicente Galo, ficava na Rua José Bonifácio(José Trevisan), onde ele possuía sua loja.

Piano: Introduzido em Boa Vista das Pedras pelo insigne Maestro Alberto Beil.

Pianista: D^a Risoleta de Barros Civatti, filha do Capitão Aurélio Civatti, natural de Limeira.

Político: Antonio Florêncio da Silva Terra

Porteiro da Câmara: José Antonio Roberto, nomeado em 1891.

Porteiro do Grupo Escolar: Alexandre Marra Sobrinho.

Posto de gasolina: Inaugurado em 1930, de propriedade da firma Armentano & Cia.

Prefeito Municipal: Antônio Florêncio da Silva Terra.

Pirotécnico: O curandeiro Antônio Baldino, pai do homônimo que tocou saxhoner na Banda Popular.

Presidente da Câmara Municipal: Antônio Florêncio da Silva Terra.

Procurador da Câmara: Eliseu Augusto Xavier (Serra Dourada).

Professor de Música: Padre Salvador Tarallo.

Professor Público: Júlio Ascânio Mallet.

Professora Pública: D. Ernestina Rodrigues de Siqueira.

Professores Leigos: Cap. Venâncio de Oliveira Machado, Orestes da Costa Sene Júnior, Túlio Xavier de Mendonça, Tertuliano da Silva Camargo, Clarimundo dos Santos, Francisco de Salles Machado, Eduardo Sene e Dionísio David Teixeira.

Promotor Público: Orlindo José Antônio Salvador.

“Raid” de automóvel: De Itápolis a Araraquara, realizado em abril de 1920, com os senhores Dr. Euclides Ferreira Gomes, João Batista Perrone e Dr. Armando Pahum.

Reclamação contra a Douradense: Em 1916, através da imprensa local, feita por diversos sitiantes vizinhos ao leito da estrada de ferro, contra as fagulhas da locomotiva, que queimavam os seus pastos.

Registro de Nascimento: No Cartório de Paz, a 31 de janeiro de 1891, da menina Maria, filha de Máximo Veríssimo da Silva e de Inácia Maria de Jesus.

Registro de óbito: Na Igreja, em 29 de dezembro de 1880, de Antonia Silveira de Jesus, vítima de morte repentina, sepultada no cemitério do Servinho, hoje Irapuã, era casada com João Alves de Barros.

Relógio da Matriz: Colocado nas torres em 15 de agosto de 1937, pelo Vigário Roque Pinto de Barros.

Relojoeiro: José Mateyka que, em 1898, já morava na Avenida Florêncio Terra, numa casa ao lado do Córrego Boa Vista.

Ruas da Cidade: Em 1892 havia as seguintes: 15 de Novembro (Valentim Gentil), 13 de Junho (Barão do Rio Branco), da Independência (depois José Bonifácio, atual José Trevisan), Boa Vista (Ruy Barbosa, atual Odilon Negrão), das Flores (José Belarmino), dos Amaros, Florêncio Terra e Formosa (Francisco Porto).

Sacerdote: Padre Tristão Arcanjo de Melo e Silva, Vigário da Paróquia de Piracicaba que, em 1871, aqui esteve respondendo algum tempo pelo Curato do Espírito Santo do Córrego das Pedras.



Sacristão: O lentiscosano Thomaz Jannuzzi.

Santeiro: O mesmo lentiscosano Thomas Jannuzzi.

Sapateiro: Severino Tálamo.

Selaria: Instalada por volta de 1900, por Leopoldo de Paula Brisac.

Semente de hortaliça: Introduzida em Itápolis pelo Sr. Raphael Gentil, progenitor do Dr. Valentim Gentil.

Sepultamento no Cemitério Municipal: Foi o de D. Leopoldina Barleta, esposa de Vicente Barleta, doadora do sino grande à Igreja Matriz.

Serraria: Da Companhia Agrícola Industrial Pedrense, da qual o Padre Salvador Tarallo foi o mais importante sócio.

Sino da Matriz: É o pequeno, que vem do tempo da primeira Capela.

Sineiro: José Belucci que, sozinho, tocava simultaneamente os três sinos da Matriz Velha.

Sobrado: Outrora existente no lugar ocupado pelo prédio do “IAPTEC”, na Rua Barão do Rio Branco, 829. Foi construído pelo proprietário Francisco Hilário Pontes, com tijolos pré-fabricados de uma composição de capim, estrume de gado e barro, denominados adobes, que os nossos antigos caboclos fabricavam às margens do Córrego Boa Vista.

Sociedade Dançante: O Clube 15 de Novembro, fundado em 1910, no Teatro Apolo.

Sorvete: Vendido em Itápolis no ano de 1911, pela Confeitaria Itapolitana da firma Raphael de Féo & Cia., instalada no pavimento térreo do sobrado do Dr. João Carlos Ferraro (Sobradinho D^a Chiquinha-demolido na década de 1980).

Taxidermistas: Francisco José de Barros Civatti e o Maestro Alberto Beil.

Teatro : O Apolo, construído na Rua São João (7 de Setembro), esquina com a 15 de Novembro (Pres. Valentim Gentil), pelo seu proprietário Dr. João Carlos Ferraro, cuja inauguração aconteceu em 20 de outubro de 1907.

Tipógrafo: Henrique Morato, o mesmo que foi professor de Latim do Instituto de Educação “Valentim Gentil”.

Tipógrafo do “O Progresso”: José Salgado.

Trombonista: Vicente Galo.

Turma de Professores: Da Escola Normal, fundada em 30 de agosto de 1929, cuja formatura se realizou em 20 de dezembro de 1933, com os seguintes professores: Abigail da Costa Sene, Arnaldo Maradei, Carmen de Cunto, Elza Canciani, Júlia Del Guercio, Laura Del Guercio, Julieta Porto, Laura Stella, Laura Schiavo, Lily Bucalen, Maria Helena Lapenta, Nadir Marques Abade, Romilda Supino, Rosa Ferraro e René Mallet Cyrino.

União estável homoafetiva: Luciana Tonieto (20/09/1975) e Maria Cristina Pedro (10/01/1985), realizada no dia 24 de setembro de 2011

Vendagem de bilhetes de Loteria: Na casa comercial de Primo Firmo Fernandes, aberta na Rua 15 de Novembro, hoje Padre Tarallo, em 1894.

Vereador Multado: Manuel Bento dos Santos, em 9 de setembro de 1893, pagou 10\$000 (10 mil Réis) de multa por ter faltado em duas sessões da Câmara.

Vereadores: Antônio Florêncio da Silva Terra, Joaquim Venâncio de Azevedo, Primo Firmo Fernandes, Manoel Francisco de Oliveira e José Pereira dos Santos.

Vice-Presidente da Câmara: Manual Francisco de Oliveira.

Vigário: Padre Salvador Tarallo, nomeado por provisão eclesiástica de 19 de abril de 1881, sendo que aqui já se achava como coadjutor da Paróquia de Piracicaba, a qual Itápolis pertencia naquela época.

Violinista: Olga Beil, filha do conceituado Maestro Alberto Beil.

Violoncelista: Ernesto Beil, filho do Maestro Alberto Beil.

Visita Pastoral: Em 13 de setembro de 1909, levada a efeito pelo Arcebispo da Diocese de São Carlos, D. José Marcondes Homem de Mello.

Vítima de Febre Amarela: Victor La Torraca.

Vítima de Gripe Espanhola: Simão Marcelino de Souza, Oficial de Justiça da Comarca de Itápolis.